Saulo Ramos – Gruta

Minha alma, a verdadeira, a única que tive,
está aqui, neste livro: o livro que me fiz
para guardar-me na ambição de ser feliz
como tudo que tem direito à vida e vive.

Eu sei que há flor, e sol, e luz; que existe o mundo,
mas minha alma nasceu nas grutas mais estranhas
e bebe sombras, bebe a gota que, no fundo

das grutas, treme e cai, filtrada das montanhas.
O amanhecer é tão pequeno para as grutas,
há tão pouco horizonte, e é tão rápida a aurora,
que a gente decora
a cor do sol
para supor a tarde
antes da longa noite
de túnel sem saída
por onde caminham o desespero
e as esperanças:
é quando, sem alarde e mansas,
aconchegam-se para dormir juntas
a morte e a vida.

Este é o livro que fiz
no fundo dessa gruta
abre-o de leve
e escuta:
há uma gota que escreve
na pedra de granito
um verso dolorosamente aflito
e desenha uma face
como se desenhasse
um grito.

Saulo Ramos, Fora da Lei: Obra poética